

Gestão sindical e comunicação: uma questão de coerência

Por Osiris Duarte

A distorção que existe no meio sindical do papel do jornalista e das atribuições de sua função é algo que somente atrapalha a luta promovida pelas entidades de classe, demonstrando inabilidade e incoerência de dirigentes sindicais na busca por angariar apoio da respectiva base e da sociedade. O fazer político, galgado na disputa e na conformidade com o status *quo* do sistema, e que em grande parte reproduz o modelo usado na política partidária, põe o profissional de comunicação em uma posição delicada e desviada das suas reais atribuições, já que esse fazer político é colocado como premissa e não como consequência. As discrepâncias e incoerências presentes no meio sindical - percebidas através de práticas inadequadas com o atual momento da comunicação social no planeta - acabam por respingar no jornalista, que tem seu emprego e sua credibilidade colocados na berlinda quando os ânimos se acirram.

Entender o papel do assessor de imprensa e o que é jornalismo sindical é prerrogativa de um bom gestor de entidades de classe. Em um mundo onde a informação é consumida como água, onde levantes civis são planejados pelas redes sociais e onde a internet e a televisão recebem mais respeitabilidade e admiração do que professores, seria no mínimo irresponsabilidade virar as costas para a importância dos profissionais de imprensa e para os setores de comunicação em entidades de classe. Como setor estratégico de um Sindicato, a comunicação não pode ser comprometida com disputas internas de cunho político ou pessoal, nem pela falta de comprometimento para com os trabalhadores. O único prejudicado, além do jornalista, é a categoria, que fica a mercê de marés de boa vontade e de consciência momentânea por parte de dirigentes sindicais. Ao mesmo tempo em que há uma ignorância de gestores de entidades de classe em relação as atribuições de um setor de comunicação em conformidade com as necessidades da militância dos trabalhadores, há também uma dose grande de contradição na forma como tal atividade é encarada pelos mesmos. O que mais se houve, dentre as tantas reclamações dentro de entidades sindicais nos dias de hoje, é como é falta de comprometimento ideológico, entendimento político e militância das próprias categorias. Quando uma greve já não reúne mais o mesmo número de pessoas que reunia há dez ou vinte anos, argumentos generalistas apoiados nos “planos maquiavélicos bem urdidos do sistema” surgem como desculpa para uma inércia administrativa e para um discurso desagregador, servindo assim de justificativa para a criação de um palco de disputa. Tal ambiente é conveniente e até mesmo necessário para a manutenção do poder nos Sindicatos. Essa manutenção de poder galgada em métodos pouco éticos, já que se fundamenta em um modelo de depreciação do trabalho e do caráter do opositor, seja pelo fato de ser filiado a uma diferente Central Sindical ou por ter uma relação declarada com determinado grupo político, com o tempo se consolida e, assim, se torna o paradigma moral da conduta de sindicalistas. Quem nunca ouviu a frase: mas em política é assim mesmo... Tal situação acaba por reforçar a divisão e desestruturação de uma pertença unidade entre trabalhadores, abrindo portas para a aceitação das influências dos veículos a serviço das elites dominantes e opressoras.

O amadurecimento das formas consolidadas de visão da política, inclusive no que diz respeito a gestão de recursos e bens construídos com o dinheiro dos trabalhadores, não é apenas uma vontade desvirtuada de um ex-socialista aburguesado, mas sim uma responsabilidade que independe de orientação ideológica ou opção política. Se há a necessidade de profissionalizar o setor de comunicação nos Sindicatos, já que uma imprensa sindical séria e aparelhada se faz necessária para a disputa por hegemonia comunicacional e no auxílio de formação ideológica e política dos trabalhadores, por outro lado há uma necessidade ainda maior de mudança na forma como se gere as entidades, porque é ai que

mora a depreciação do setor. Uma das conseqüências desse tipo de visão política de gestão e a forma como profissionais de comunicação são envolvidos no contexto de disputa política que permeia os sindicatos, ficando a mercê de interesses de grupos. Isso faz com que a idoneidade da produção no meio sindical fique comprometida, minando assim a credibilidade perante a sociedade e junto às respectivas bases. Além disso, a falta de investimentos no setor, seja em estrutura física, seja em profissionais qualificados, faz com que a distância entre a capacidade de influência dos veículos de comunicação da imprensa alternativa e sindical fique cada vez maior com relação aos grandes veículos de comunicação.

Por mais que atividades como a assessoria de imprensa – que é a principal atividade nos setores de comunicação sindical – tenha uma característica unilateral, ela não deve apenas servir como forma de pintar uma boa imagem de uma gestão. O papel crítico do assessor atua mais dentro da entidade do que fora, pautando as necessidades e as lutas dos trabalhadores, sob critérios coerentes com a luta sindical. A credibilidade que o profissional de comunicação terá perante um público está em parte vinculada a credibilidade conferida a ele pela entidade, empresa ou grupo que representa. Para que isso se torne realidade é preciso que haja uma maior participação dos profissionais de comunicação na construção de estratégias e na organização da entidade, mas para que isso ocorra é necessário que se leve realmente a sério a capacidade estratégica e a instrumentalização técnica do profissional de comunicação.

A clareza do papel do jornalista nos sindicatos se faz necessária para evitar que tal cargo sirva como benesse política de quem assume o poder, perpetuando assim um ciclo pouco produtivo para o movimento sindical. O profissional de comunicação deve servir a categoria acima de qualquer interesse político ou de grupo. Se um dirigente sindical não entende isso talvez suas pretensões dentro da entidade não sejam as mais afinadas com as necessidades dos trabalhadores.

Osiris Duarte é jornalista, **SJSC-1746**

Artigo publicado em www.palavraodoosi.blogspot.com